

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

BIBLIOGRAFIA. UNTERMANN, JÜRGEN -DIE VENETISCHEN PERSONENNAMEN.

PARLANGELI, O.

Ano: 1963 | Número: 73

Como citar este documento:

PARLANGELI, O., Bibliografia. UNTERMANN, Jürgen -Die venetischen Personennamen. *Revista de Guimarães*, 73 (3-4) Jun.-Dez. 1963, p. 483-486.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Bibliografia

Untermann, Jürgen. *Die venetischen Personennamen.* Wiesbaden (Otto Harrassowitz) 1961; XVI + 200 pgs.; em volume separado (73 pgs.), 33 mapas.

Ultrapassada a fase da sua «menoridade ilírica», o venético (1) desfruta hoje de um redobrado interesse para os investigadores das antigas línguas itálicas.

Untermann, que aliás não precisa de penitenciar-se de qualquer erro «pân-ilírico», não exita, contudo, em estabelecer confrontos com o ilírico, sempre que uma ou outra forma venética deva, ou possa, ser explicada com documentos epigráficos considerados, bem ou mal, como testemunhos da língua (ou línguas) da Ilíria pré-latina. Consagra Untermann um parágrafo inteiro (o 223, a pgs. 183 s.) ao «ilírico» (que ele regista entre aspas), advertindo contudo que — «es uns...aber nicht um Sprachen, sondern um Namengebiete...geht». Mas, como *este* «ilírico» é, acima de tudo, uma realidade histórica, não o podemos pôr de parte, nem tão-pouco ignorá-lo. Um corolário resultante do problema das afinidades iliro-venéticas é o constituído pelo confronto com o messápico. Estou inteiramente de acordo com Untermann quando ele anota: «Die Parallelen in der Namenformel beruhen auf der Nachbarschaft zum etr.-italischen Namengebiet. *plator* sieht eher wie ein aus Dalmatien

(1) A designação de *venético* é preferível à de *páleo-veneto*, ou simplesmente *veneto*. É também de aconselhar, na designação terminológica, evitar-se qualquer possibilidade de confusão entre o *venético*, que é um dialecto indo-europeu pré-latino, e os dialectos românicos de Venesa, medievais e modernos.

eingewanderter Name aus (§ 166), eine selbständige Verwendung von Verbalnomina als INN liess sich für das messap. Namengut nicht nachweisen (§§ 169, 170), ausreichend sichere und zahlreiche Einzelgleichungen haben sich auch noch nicht zusammengefunden». E já, na pág. 116, Untermann afirmou: «Man wird abschliessend sagen dürfen, dass die messapische Namengebung an der in Venetien, Istrien und Dalmatien anzutreffenden Verwendung von Verbalnomina als PNN. keinen Anteil gehabt hat». Tratar-se-á, em suma, nos casos de concordância onomástica entre o venético e o messápico, de uma daquelas «alterações de *modas* e de tipos de nomes, que surgem especialmente nas zonas de contacto», como muito bem acentuou Pellegrini, na sua importante recensão do livro de Untermann (*Kratylos* 7, 1962, ps. 173-180) (1).

Considera Untermann as inscrições venéticas apenas pelo seu contributo para a investigação onomástica; mas, se reflectirmos no facto de as inscrições das línguas itálicas «menores» («menores» somente por serem conhecidas, em geral, através de um escasso material epigráfico

(1) Devemos ter sempre em linha de conta tais *modas* onomásticas, a fim de não se atribuir a um estrato étnico uma designação linguística inteiramente estranha, ou de algum modo imprópria. Eu escrevi isto (*Kokalos* 5, 1959, págs. 83-83, ou 22-23 da separata): «Quando atentamos bem no testemunho epigráfico daqueles textos (as epígrafes cristãs de Siracusa), ressalta com evidência uma forte presença latina, *muito mais maciça do que aquela que se nota nos documentos coevos gregos, de toda a bacia do Mediterrâneo....; não devemos, contudo, insistir demasiado nas datas onomásticas* (e, a pg. 67, afirmámos que «cada testemunho linguístico.... deve ser decantado daquilo que seja considerado oficial, externo, imposto por uma hierarquia superior, ou por uma moda comum»). *Torna-se oportuno completar a nossa investigação de considerações menos equívocas*».

Rohlf's, porém, depois de haver afirmado (*Neue Beiträge zur Kenntnis der unteritalischen Gräzität*, München, 1962, p. 35): — «o caracter grego do onomástico é mais eloquente do que a língua dos textos sepulcrais. Mesmo as próprias inscrições latinas estão repletas de nomes pessoais gregos, que muitas vezes aparecem apenas ligeiramente latinizados», cita (na nota 28-a) um trecho do meu referido artigo, omitindo precisamente a segunda parte dessa exposição, que acima destaco em sublinhado. É estranha (para não lhe chamar outra coisa), mas não é nova, esta maneira de citar as opiniões alheias!

fico, e não por qualquer testemunho literário) constituem quase sempre meras fórmulas onomásticas, o trabalho de Untermann pode ser considerado como um novo e utilíssimo *corpus* de textos venéticos.

Após a Introdução e a Bibliografia, Untermann estuda, na 1.^a Parte do seu livro, os nomes venéticos pessoais masculinos (A. pgs. 3-24) e femininos (B. pgs. 25-38), bem como o significado de tais nomes: *Vornamen* («prenomes», ou nomes individuais) e *Nachnamen*, que Pellegrini classifica de «nomi appositivi»; como porém se trata geralmente de gentilícios ou de patronímicos, podemos considerá-los como nomes de família.

Na 2.^a Parte são estudados os nomes venéticos, nas adaptações que sofreram nas epígrafes em língua latina das urnas de Este (pgs. 45 ss.): a distribuição do material em subsecções corresponde, apesar de algumas diferenças, à da 1.^a Parte.

De grande importância é a 3.^a Parte, respeitante à composição dos nomes: Untermann trata este assunto considerando os problemas da formação dos nomes próprios de quase todas as línguas da Itália antiga (1).

(1) Todo um parágrafo (pgs. 65 s.) é dedicado ao messápico: as inscrições são geralmente dadas conforme as minhas leituras (*Studi messapici*, Milão, 1960). Note-se que Untermann transcreve X com χ , seguindo um uso muito generalizado: no fundo, também eu sou, mais ou menos, de parecer que o valor fonético de X deva ser propriamente [š], mas, por simples escrúpulo de editor, tenho preferido grafá-lo unicamente por x.

Para IM 16.14, *dazōimibi balebi daxtas bilibi*, dá Untermann uma versão com a qual estou de acordo: «de Dazoimes Bales, filho de Daset» (ou Dazet? O.P.); para a fórmula onomástica de IM 22.21 (4), Untermann prefere a velha lição *staboos sonetθibi dazimabi beileibi* (eu, pelo contrário, adopto... *xobetθibi... beiliibi*), e traduz «de Staboas Sonetθes, filho de Dazimas», que todavia eu, por vários motivos (*Studi messapici*, pg. 278 s., *beiliibi*), e apoiado em Deecke e em Krahe, me inclino a crer que *beiliibi* seja o genitivo de um nome próprio (cf. o grego *Βίλιος*, em latim *Bilius*). Untermann unifica as duas partes de IM 15.19 (I *Otor*; II *soolles stabos*, completa *stabo(o)s*) e traduz «*Otor Solles*, (filho) de Staboas».

Com isto me apraz registar que, em caso algum, Untermann se limita simplesmente às hipóteses alheias, apresentando sempre as suas próprias soluções, quand não convincentes, pelo menos sensatas.

Na 4.^a Parte (pgs. 140-171) oferece-nos Untermann — e é este o âmagô do seu trabalho — um interessante *léxico* dos nomes pessoais venéticos: tal *léxico*, conforme acima acabo de dizer, abrange *quase* todo o material extraído das inscrições da X Região augustana. Uma utilidade resultante deste *léxico* é conter a relação dos «prenomes» ordenados segundo os vários sufixos, facultando portanto assim um cómodo índice regressivo (pgs. 93-98).

A 5.^a Parte (*Das venetisch-istrische Namensgebiet*, pgs. 172-190) dá-nos uma série de comparações entre a onomástica venética e a de outras regiões.

Finalmente, vêm os *Índices* dos nomes pessoais tirados das inscrições latinas (contendo um sistema prático de referência, isto é, inserindo as três ou quatro primeiras letras dos correspondentes nomes venéticos, e rementendo assim o leitor para o *léxico* próprio), dos nomes pertencentes a outras línguas da Itália antiga (entre os quais o messápico está largamente representado), dos nomes de divindades, dos nomes toponímicos e dos nomes étnicos.

Num pequeno volume à parte, estão reunidos 33 mapas, organizados segundo o método adoptado com felicidade por Untermann noutros trabalhos seus (por exemplo, «Namenlandschaften im alten Oberitalien», *Beiträge zur Namensforschung* 10, 1959, pgs. 74-159; 11, 1960, pgs. 273-318; 12, 1961, pgs. 1-30). Por meio destes mapas, o estudo das relações entre cada um dos componentes do material onomástico da Itália antiga e das zonas limítrofes torna-se muito facilitado.

O. Parlangèli

Novoli (Lecce), Itália.